



## Editorial

*Sandro Adrián Baraldi*

Estamos muito satisfeitos, eu e Ofélia, por conseguirmos chegar ao terceiro ano desta revista. Somos muito gratos aos autores e autoras que colaboraram com esse empreendimento. É óbvio que sem eles não teríamos conseguido. Insistiremos, portanto, graças ao apoio recebido, com essa tentativa experimental de revista de filosofia e de filosofia da educação que é de propor uma maneira decolonial de se produzir comunicações filosóficas e educacionais desvinculadas dos arbítrios da colonialidade eurocêntrica, usar uma das rupturas do pensamento colonizado.

A iniciativa de se fazer algo diferenciado no campo da filosofia e da educação veio de leituras de autores latino-americanos como Aníbal Quijano, Walter D. Mignolo e Lélia Gonzales. Foi um grande choque para mim quando descobri o quanto o meu pensamento estava controlado pela Matriz Colonial do Poder<sup>1</sup>. Tanto a filosofia quanto a educação são fortemente colonizadas por um pensamento eurocentrado que acreditamos cegamente que é nossa maneira original de pensar. E isso não é fácil de se compreender tamanha a imersão a que fomos submetidos desde a infância. Por isso da insistência no cabeçalho de cada número da palavra “decolonialidade”. Pretendemos alertar para a necessidade de um giro epistemológico que pare de reproduzir o pensar eurocêntrico. Por isso do meu ensaio sobre o pensar decolonial que está publicado neste número.

Decolonialidade não é um tema, não é um sistema, é uma postura, por isso você, leitor, encontrará outros ensaios e artigos que não estão imediatamente vinculados – nem preocupados – com a

<sup>1</sup> Veja mais sobre isso na resenha sobre a obra de Walter D. Mignolo que trata de desobediência epistêmica disponível na Cactácea no. 5, neste endereço: <https://rgt.ifsp.edu.br/ojs/index.php/revistacactacea/article/view/47/52>

decolonialidade. Porque decolonialidade é uma revisão crítica e criativa do pensar monolítico e segregador eurocêntrico. Ideias diferentes daquelas da Matriz não devem ser censuradas, por isso da liberdade de pensamento que subjaz essa iniciativa. Uma revista é um local de discussão, por isso as ideias que circulam aqui são bem-vindas contanto que sejam adequadamente construídas com argumentos, essa é uma restrição, sim, decolonialidade não é qualquer coisa. O rigor não foi abandonado, o que foi abandonada é a censura do pensamento.

A inspiração da Cactácea foi o movimento *slam*, cuja essência é de permitir que vozes censuradas sejam ouvidas. E por que isso afinal? Na filosofia e na educação a censura é frequente e é tão grave que os atores filósofos e educadores brasileiros temem dizer o que pensam porque serão rapidamente calados por um conjunto de regras insidiosas cuja finalidade, explícita ou não, é justamente silenciar o pensamento que não seja reprodução.

Muito obrigado a tod@s.

Boa leitura.

**Autor:**

***Sandro Adrián Baraldi***

*Doutor em Filosofia da Educação pela Universidade de São Paulo, é editor da Revista Cactácea e pesquisador do Grupo de Pesquisa Mandacaru: educação e filosofia* <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4273081596423963>> e do GRUPEFE. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0001-5055-2071>>. Plataforma Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/6246489151782898>>.